O TRICENTENARIO DE NASSAU

ANDRADE FURTADO

Em sessão plena do Instituto do Ceará foi agitada pelo dr. Barão de Studart a debatida questão, de palpitante actualidade, da celebração do tricentenario da chegada de Mauricio de Nassau a Pernambuco.

Não houve uma só voz discrepante. Foram consideradas taes festas em cheque com o sentimento de brasilidade.

Ainda que o principe hollandês tenha construido pontes e palacios, aberto estradas e jardins, não se justifica, na verdade, que os nossos patricios ergam lôas ao invasor alienigena, que derramou, cruelmente, o sangue dos nossos antepassados, ao serviço de uma conquista estranjeira.

Os bens materiaes que deixou na terra, onde exerceu a sua pirataria, não podem nem devem prevalecer sobre os grandes males que semeou, no seio da nascente nacionalidade.

Ninguem está esquecido do que foi aquella luta ingrata e homerica contra o inimigo da nossa unidade material e moral.

Que importa que o colonizador intruso usasse de meios progressistas para implantar, na Terra de Santa Cruz, ao lado da heresia de Luthero, a dominação de um jugo inadmissivel para o nosso brio civico em formação?

Nascemos sob as bençãos da Igreja Catholica e o patrocinio de um reino latino e christão, que teve o merito singular de constituir um dos maiores povos do universo.

Portugal, ainda hoje, revive a sua gloria de

nação predestinada a um papel salientissimo nos destinos do planeta.

No alvorecer da nossa evolução historica, tiveram os heroes daquella epoca decisiva—Felipe Camarão, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Fernandes Vieira e tantos outros—o valor de patentear, entre nós, a realidade de um sentido latente de independencia. Foi nestas pugnas epicas e bravias que o Brasil esboçou a sua phisionomia propria, de povo consciente dos seus destinos.

Ouçamos o depoimento de um dos valores insuspeitos, entre os homens de cultura da intellectualidade conterranea. O dr. Alvaro Fernandes, traçando um rapido escorço sobre as caracteristicas regionaes da nossa gente, assim se expressa, no que toca ao periodo da investida hollandêsa:

«O invasor batavico, derramando-se pelos reconcavos da nossa costa septentrional, *ameaçava a cabeça do Imperio.* A aguia do pulpito, na igreja da Ajuda, da Bahia, modulava o psalmo XLIII, ao desferir os seus lamentos, imprecando a clemente inacção dos Céos:—*Exsurge, Domine, quare obdormis?!* O frouxo poder com que a recente restauração portuguêsa de 1640 acabava de dotar a politica periclitante de D. João IV, quedava-se na inercia. A Companhia das Indias Occidentaes empolgava o nosso commercio maritimo. As esquadras imperialistas das Provincias Unidas, quasi ao mesmo passo, bloqueavam o porto de Recife e atravancavam as bocas do Tejo, fazendo estremecer a Inglaterra de Carlos II, que ainda não contava com os Nelsons, nem arrolava nos seus fastos as vitorias de Abukir e Trafalgar. Os maiores capitães, preparados nas bellicas da Batavia, á frente de tropas numerosas, apetrechadas e aguerridas, varejavam os sertões, pisando a honra e a propriedade, matando, destruindo, humilhando.

Foi, então, que o sertanejo, temeroso, desconfiado e cauto, ante o disfarçado jugo de Nassau, despertou como o relampago, ergueu-se de um salto, alçou as armas rudimentares que a natureza patria lhe offerecia, e, por assim dizer, com as unhas e com os dentes, caíu de chofre sobre o invasor nos montes Guararapes, onde se travaram as batalhas cam-

paes mais notaveis das duas Americas, e em que foi desbaratado e perdido para sempre um dos exercitos mais formidaveis das conquistas de ultra-mar.

Venceu, portanto, o caboclo do sertão nessa peleja comparavel ás Thermopilas, de Leonidas, como haveria de superar, mais tarde, o seu animo de aço, no martyrologio da Laguna, que se equipara á retirada dos dez mil, de Xenophonte.

Lêde—os que não conhecem—e serão raros por certo entre nordestinos,—o famoso «papel forte» do padre Antonio Vieira; considerae as razões de Estado que nelle se ventilam; ponde em justo cotejo a desabusada exigencia do conquistador e a irreductivel firmeza dos naturaes, que ali se defrontam; e vereis como a só desesperada resistencia desse rebento das selvas brasileiras, desajudado da metropole, poude amparar a claudicante diplomacia portuguêsa, pleiteando a nossa integridade territorial nas arrogantes conferencias de Haia.

Ainda hoje, passados seculos de esquecimento e de concordia, ide á «Casa Mauricia», esse relicario de artes trans-oceanicas, e lá encontrareis, lamentavelmente, os devolvidos trophéos que pertencem á nossa Historia.

Divisando-os, reclusos e expatriados, nos silenciosos mostruarios dos museus, parece que, dentro da vossa alma, alguma coisa fugaz e impalpavel está evocando, no ambiente do desterro, aquellas indeleveis palavras com que os patriotas extinctos responderam ás intimações da metropole, empenhada em suffocar o conflicto:—Havemos de depor as armas quando restituirmos o Brasil integro á Corôa Portuguêsa.

Em conclusão, na Guerra Hollandêsa, provocada pela Espanha, de Felippe II—o demonio do Meío Dia, herdeiro directo de Joanna, a louca, e do conturbado Carlos V,—diz o historiador Roberto Southey:—A India perdeu-se, mas, por circumstancias impossiveis de prever-se, o Brasil se salvou.

Salvou-se, accrescentemos, salvou, por si, a um tempo, a integridade e a independencia, como até agora não o conseguiram os povos de Sumatra, Bor-

néo, Java e demais possessões estranjeiras no Oceano Indico, no archipelago de Sonda, na Malasia, nos mares do Levante».

Transcrevendo esta longa e brilhante exposição do publicista coestadano, quizemos assignalar, de modo vivo, o grande valor dos que se oppuseram, varonilmente, ás pretensões armadas do fidalgo flamengo, no sentido de quebrar a homogeneidade phisica e espiritual da patria em constituição.

Nada justifica, pois, que se esqueçam os laureis dos que salvaram a nacionalidade de um naufragio definitivo, para cercar de homenagens o aggressor estranho e cruel.

Tem razão o almirante Raul Tavares em considerar essas festas offensivas ao nosso pundonor civico.

O historiador Rocha Pombo qualifica de nulla, ante o conjuncto de circumstancias que focaliza, a funcção historica de Nassau, na America.

Não passou, afinal, de simples preposto de uma poderosa empresa mercantil, operando aqui como emissario de gananciosos exploradores das riquezas do nosso emporio.

A acção civilizadora do homem que se quer glorificar, segundo os desejos dos internacionalistas de Moscou, profanadores do patrimonio de honra da humanidade, reduz-se, como se sabe, ás iniciativas da sua installação no dominio alheio.

Dest'arte, não trepida o citado escriptor em entender que vem sendo exagerado pelos contemporaneos o papel do emissario daquella citada companhia mercantil.

Nassau foi o instituidor, segundo o testemunho da mesma autoridade, do mercado da escravidão, sendo ainda responsabilizado pelo historiographo Raphaele Galanti, sem attenuação possivel, pelas «horriveis crueldades, praticadas a sangue frio sem culpa formada e sem distinção de sexo, de idade, de criminosos e de innocentes».

Dessas «horriveis crueldades» foram victimas os ancestraes dos que pleiteiam, agora, festejos em memoria do algoz.

E' absolutamente attentatorio de todo criterio racional cercar de glorificações um legitimo corsario, que occupou violentameute as nossas plagas, de onde foi repellido pelos nossos maiores, a quem o invasor indesejavel queria impor uma lingua estranha, uma religião adulterada, a indole de outra raça e até os expedientes da escravidão ignobil dos fracos e indefesos.

Si entre brasileiros ha partidarios dessas commemorações, é mais uma demonstração de que a Soviecia possue habilidade e astucia para embelecar pataus, para illudir, em seu favor, os que não possuem uma esclarecida e honesta concepção das nossas origens.

Si commemoramos com festas a chegada de Nassau á terra brasileira, teremos de estender, coherentemente, estas homenagens ao traidor Calabar, que ainda não se lavou do feio labéo de transfuga e de apostata.

Reservemos o nosso enthusiasmo para consagração dos bravos que tanto engrandeceram o nome nacional, nos combates do «Arraial do Bom Jesus».

E' essa a gente que reclama a exaltação dos patriotas, dos que não admittem sejam olvidados os exemplos de tão singular abnegação, que «idéas exoticas» pretendem destruir.

Temos a obrigação infrangivel de exalçar o nome dos que alcançaram, por seus feitos immortaes, um logar definitivo na galeria dos consolidadores da Patria.

Celebrar Nassau é injuriar as cinzas daquelles que derramaram o sangue generoso, na expulsão do aventureiro audaz. E' inverter a noção da dignidade do mais puro e sadio nacionalismo.